Herodes Agripa, o Velho

I

> *NESTE mesmo tempo — dizem os Atos dos Apóstolos — enviou o rei Herodes tropas, para maltratar a alguns da igreja. E matou á espada a Tiago, irmão de João. E vendo que agradava aos Judeos, fez tambem prender a Pedro. Erão então os dias dos asmos. Tendo-o pois feito prender, metteo-o num carcere, dando-o a guardar a quatro esquadras, cada huma de quatro soldados, com tenção de o presentar ao povo depois da Pascoa. E Pedro estava guardado na prisão a bom recado. Entretanto pela igreja se fazia sem cessar oração a Deos por elle.*

II

> *Mas quando Herodes estava para o apresentar, nessa mesma noite se achava dormindo Pedro entre douos soldados, liado com duas cadeias: e as guardas á porta vigiavão o carcere. E eis-que sobreveio o anjo do Senhor: e resplandeceo huma claridade naquella habitação: e tocando a Pedro em hum lado, o despertou, dizendo: Levanta-te depressa. E cahírão as cadeias das suas mãos. E o anjo lhe disse: Toma a tua cinta, e calça as tuas sandalhas. E féllo Pedro assim. E o anjo lhe disse: Põe sobre ti a tua capa, e segue-me.*

III

> *E sahindo, o hia seguindo, e não sabia que o que se fazia por intervenção do anjo era assim na realidade: mas julgava que elle via huma visão. E depois de passarem a primeira, e a segunda guarda, chegárão á porta de ferro, que guia para a cidade: a qual se lhes abrio por si mesma. E sahindo, caminharão juntos o comprimento d'huma rua: e logo depois o deixou o anjo.*

> *Então Pedro entrando em si, disse: Agora he que eu conheço verdadeiramente, que mandou o Senhor o seu anjo, e me livrou da mão de Herodes, e de tudo o que esperava o povo dos Judeos. E considerando nisto, foi ter a casa de Maria, mãe de João, que tem por sobrenome Marcos, onde muitos estavão congregados, e fazião oração.*

Por receio de ser surpreendido, são Pedro apenas passou por ali.

IV

> *Mas quando foi dia, houve não pequena turbação entre os soldados, sobre o que tinha sido feito de Pedro. E Herodes tendo-o feito buscar, e não no achando, feito exame a respeito dos guardas, os mandou justiçar: e passando de Judéa a Cesaréa, deixou-se aqui ficar.*

V

> *Ora Herodes estava irritado contra os de Tyro, e de Sidonia. Mas estes de commum acordo o forão buscar, e com o favor de Blasto, que era seu camarista, pedirão paz, porque das terras do rei he que o seu paiz tirava a subsistência. E hum dia assignado, Herodes vestido em traje real se assentou no tribunal, e lhes fazia huma falla. E o povo o applaudia, dizendo: Isto são vozes de Deos, e não de homem. Porém subitamente o ferio o anjo do Senhor, pelo motivo de que não tinha tributado honra a Deos: e comido de bichos, expirou.*[1]

VI

Herodes Agripa, apelidado o Velho, *Senior*, era filho de Aristóbulo e neto de Herodes I. Sua mãe era Berenice, filha de Salomé, irmã de Herodes I. Aristóbulo tinha um irmão chamado Alexandre. Acusados ambos de haver conspirado contra o pai, foram por ele mesmo levados ao tribunal de Augusto. Esse príncipe não quis condená-los, mas permitiu a Herodes mandá-los julgar por outros.

VII

De volta de Roma, Herodes mandou prender seus dois filhos e, tendo formado em Berito, hoje Beirute, um tribunal em que tinham assento vários romanos de distinção, entre outros Saturnino e Volúmnio, fez-se acusador de seus filhos e pediu-lhes a cabeça. Foi-lhe recusada; mas ele a queria a qualquer preço.

Não ouvindo senão o seu furor e a ambição de reinar só e sem competidor, ordenou que levassem seus dois filhos a Samaria, onde os mandou estrangular. Durante a noite, seus corpos foram levados a Alexandrion, onde estava o túmulo de sua família.

VIII

Aristóbulo deixava um filho chamado Herodes Aristóbulo, do nome de seus pais, e Agripa, em lembrança do genro de Augusto, a quem os Herodes deviam em grande parte a elevação ao trono da Judeia.

Pouco tempo depois da morte de Herodes, seu avô, Aristóbulo, que doravante chamaremos Herodes Agripa, veio a Roma com sua mãe Berenice. A mãe travou amizade com Antônia, mãe de Druso, e o filho com Druso, filho de Tibério. A afeição depravada de que se diz ter sido objeto da parte desse imperador o deu a conhecer de maneira pouco favorável. Sua juventude foi entregue às devassidões de toda espécie.

IX

Tendo morrido Berenice, Herodes continuou a entregar-se a loucas prodigalidades. Tendo morrido também seu amigo Druso, Tibério não quis mais ver os companheiros do filho, cuja presença lhe renovava a dor. Desprovido de recursos e de apoio, Herodes viu-se obrigado a voltar à Judeia. Seu tio Herodes, o tetrarca da Galileia, assassino de são João Batista e escarnecedor de Nosso Senhor, deu-lhe um emprego na cidade de Tiberíades, com uma forte soma de dinheiro. Sabe-se de que maneira testemunhou sua gratidão.

X

Logo tudo foi dissipado e Agripa caiu na indigência.

Para escapar a seus credores, não achou nada melhor que ir a Roma com dinheiro emprestado, ou antes, extorquido. Desembarca em Putéoli, passa a Capri, onde é recebido por Tibério.

No dia seguinte chega uma carta de Herênio Capito, procurador romano em Jâmnia, que acusa Agripa de haver subtraído considerável soma ao fisco imperial. Em consequência, Tibério lhe proíbe reaparecer diante dele. Agripa se dirige a Antônia, amiga de sua mãe, que lhe empresta o necessário para reembolsar o fisco, o que o faz voltar às boas graças de Tibério.

XI

Pouco tempo depois, estando Agripa em carruagem com Calígula, manifestou a esperança de que Tibério logo morresse e deixasse o império a Calígula. A frase foi ouvida pelo cocheiro de Agripa, chamado Eutico. Este, envolvido mais tarde num caso de roubo, declarou que tinha algo importante a dizer ao imperador.

Tibério não quis a princípio ouvir esse homem, mas, por fim, cedeu às instâncias do próprio Agripa. Ouvido o delator, Tibério ordena que prendam imediatamente Agripa. É preso em pleno circo, na presença de cem mil espectadores, carregado de cadeias e levado à prisão.

Em vão lembra a Tibério a antiga afeição e a amizade de Calígula. A ordem é executada em todo o rigor. Agripa permanece na prisão até a morte de Tibério, ocorrida seis meses depois, no ano 38 de Nosso Senhor.

XII

Esse acontecimento mudou completamente a posição de Agripa: de prisioneiro tornou-se rei; um dos primeiros cuidados de Calígula, feito imperador, foi libertar seu amigo. Manda-o vir ao palácio; faz-lhe mudar de traje, põe-lhe o diadema na cabeça, dá-lhe as duas tetrarquias de Filipe e de Lisânias,[2] e o proclama rei. Em lembrança de seu cativeiro, presenteia-o com uma cadeia de ouro do mesmo peso que a cadeia de ferro que usara na prisão.

XIII

No segundo ano do reinado de Calígula, isto é, no ano 40 de Nosso Senhor, Herodes Agripa veio tomar posse de seu reino. Mas para os ambiciosos nem tudo são rosas: Herodes não tardou a ter nova prova disso.

Seu amigo Calígula, príncipe meio louco, metera na cabeça fazer-se reconhecer, em todo o império, como Júpiter. Já os principais templos do Ocidente e do Oriente lhe eram dedicados. Só restava o templo de Jerusalém. A todo custo queria que encerrasse sua estátua e trouxesse no frontispício a seguinte inscrição: *Templum Novi Jovis illustris Caii*: Templo do novo Júpiter, o ilustre Caio.

XIV

Para impedir semelhante profanação e os sangrentos conflitos que seriam suas consequências inevitáveis, uma deputação de judeus partiu para Roma, tendo à frente o próprio Herodes.

Calígula a recebe em Baias e a escuta distraído e indiferente; mas não diz uma palavra a Herodes. Este apenas nota o olhar irado do imperador. Cai doente por isso, e é preciso ler em Filão as angústias que esse príncipe, tão déspota para com seus inferiores, experimenta diante de seu senhor.

XV

A morte de Calígula, ocorrida pouco depois, resolveu a dificuldade. Herodes, de volta à Judeia, reinou sete anos, que empregou, em parte, em perseguir a Igreja nascente. Antes de entrar no pormenor de seus atos sanguinários, lembremos um fato que mostra mais uma vez quanto a história evangélica está misturada à história profana desse tempo.

Calígula morre assassinado, depois de três anos de reinado. A essa notícia, Agripa vai a Roma, persuade Cláudio a aceitar o império e, com seus conselhos, o ajuda a firmar-se no trono. Em recompensa, recebe de Cláudio todas as províncias que haviam composto o império do primeiro Herodes. A doação se faz solenemente em pleno Fórum.

XVI

No ano 42 da nossa era, Herodes Agripa retoma o caminho da Judeia, precedido de cartas de Cláudio que ordenam a todos os governadores de província receber o rei dos judeus com todas as honras devidas à sua dignidade. Esses pormenores mostram a exatidão dos escritores sagrados, que dão invariavelmente o nome de rei e não alternadamente, como a Herodes Antipas, o de rei e de tetrarca.

Chegado a Jerusalém, Agripa suspende no templo a cadeia de ouro que lhe dera Calígula; faz e desfaz os sumos sacerdotes e empreende fortificar Jerusalém; mas é impedido por Cláudio, por informe de Marso, governador da Síria.

XVII

Herodes reinava havia cerca de três anos como rei de toda a Judeia quando, para tornar-se popular, pôs-se a perseguir os cristãos de Jerusalém, pela festa da Páscoa do ano 44 de Nosso Senhor. Manda prender o apóstolo são Tiago, irmão de são João, e lhe faz cortar a cabeça. Esse gênero de morte era desconhecido dos antigos judeus. Mas, desde a dominação romana, vê-se empregado por Herodes Antipas e por Herodes Agripa: o primeiro, a respeito de são João Batista; o segundo, a respeito de são Tiago.

XVIII

Notemos de passagem que são Tiago foi o primeiro Apóstolo martirizado e são João o último. Abrindo e fechando a via dolorosa, são, quanto ao martírio, como o alfa e o ômega do colégio apostólico. Parece que seu parentesco com N. S., o rei dos Mártires, sua predileção por eles e a promessa que lhes fez de os dessedentar em seu cálice mereciam essa gloriosa prerrogativa: *Noblesse oblige*.

XIX

O abismo chama o abismo; o sangue pede sangue. Herodes, vendo que a morte de são Tiago agradara aos judeus, quis encontrar-lhes um novo prazer do mesmo gênero. Poucos dias depois do martírio de são Tiago, manda prender são Pedro.

Por que são Pedro antes de outro membro do colégio apostólico? Porque Pedro sempre aparecera em primeiro lugar, porque era, de todos os Apóstolos, por causa de seus discursos e milagres, o mais conhecido em Jerusalém, e porque, sendo o chefe da Igreja, sua morte arrastava a ruína da própria Igreja.

XX

Aproximavam-se as festas da Páscoa. Seja para não as macular pela efusão de sangue, seja para coroar esses dias solenes com um espetáculo desejado dos judeus, Herodes manteve são Pedro na prisão, com a intenção de fazê-lo morrer logo depois dos Ázimos. Dezesseis soldados, divididos em quatro pelotões, foram encarregados da guarda do prisioneiro, de modo que houvesse sempre quatro de serviço durante as três vigílias da noite.

XXI

Essa precaução não bastou a Herodes. Como era notório na cidade que Pedro fazia milagres e que já uma vez saíra misteriosamente da prisão, mandou atá-lo com duas cadeias fixadas, segundo o costume dos romanos, aos braços dos guardas. Assim o prisioneiro não podia fazer o mínimo movimento que não fosse notado.

XXII

Além disso, em vez de enviar o Apóstolo à prisão da cidade, Herodes o mandou encerrar nos calabouços de seu palácio. Esses calabouços ficavam sob a plataforma que cercava o palácio e onde se mantinham as guardas do príncipe. Várias portas os separavam de uma primeira porta de ferro que dava para uma praça da cidade. No intervalo estavam escalonados dois corpos de guarda. Quatro obstáculos pareciam, pois, tornar impossível a evasão: a prisão, os corpos de guarda, as cadeias, os guardas. Assim o queria a Providência, para fazer brilhar com todo o seu

esplendor o milagre que ia pôr o Apóstolo em liberdade.

XXIII

Despertado pelo anjo, que fere de letargia os guardas e soldados, como outrora de cegueira os habitantes de Sodoma, Pedro chega à porta da casa de Maria, mãe de Marcos, onde sabia que fiéis velavam e oravam[3] para obter sua libertação. Bate para que lhe abram, e bate ainda. Entra, mas apenas passa.

XXIV

Seja por receio de ser descoberto, seja por qualquer outro motivo, vai buscar asilo noutra parte, recomendando que se avise de sua milagrosa libertação são Tiago, bispo de Jerusalém. Tudo isso se passara na noite que precedia o dia em que o chefe da Igreja devia ser morto.

XXV

Ao despertar, os soldados não encontram o prisioneiro. Todas as portas estão fechadas; as duas cadeias que prendiam o Apóstolo continuam atadas aos braços dos dois soldados de guarda. Pode-se julgar a perturbação que reinava na prisão: maior ainda era a que enchia o palácio. Sabendo da fuga de seu prisioneiro, Herodes entra em fúria. Ordena que o procurem ativamente; esforços vãos. No desespero, volta-se contra os soldados, manda submetê-los à tortura e acaba por fazê-los estrangular.

XXVI

Dignos êmulos, em seu fervor pelos Apóstolos, dos futuros cristãos de Roma, os fiéis de Jerusalém acharam meio de obter as cadeias de seu bem-amado Pai. Preciosamente conservadas em Jerusalém até o século V, foram, nessa época, dadas pelo patriarca Juvenal à imperatriz Eudóxia, filha de Teodósio, o Moço, que viera em peregrinação a Jerusalém. A piedosa imperatriz repartiu esse inestimável tesouro. Uma das duas cadeias foi guardada em Constantinopla; a outra ela enviou a Roma, a sua filha Eudóxia, mulher do imperador Valentiniano. Digna pela piedade de sua augusta mãe, a jovem imperatriz mandou construir, no monte Esquilino, uma soberba basílica para ali depor a venerável cadeia do Vigário de Jesus Cristo.

XXVII

Quando a mostrava ao Papa, este, por sua vez, lhe mostrou a cadeia de que são Pedro fora carregado, em Roma, por ordem de Nero. Mal aproximadas uma da outra, as duas cadeias se

uniram milagrosamente e se soldaram de modo a formar uma só. Cadeia mais preciosa que os colares dos reis, objeto sempre novo da veneração dos séculos, regada pelas lágrimas e coberta dos beijos ardentes de tantos milhões de peregrinos, jamais esqueceremos que nos foi dado, depois de tantos outros, tomar-vos em nossas mãos e pôr-vos ao nosso pescoço!

XXVIII

Depois de sua libertação, são Pedro deixou Jerusalém, percorreu livremente toda a região de Tiro e de Sidônia, estabelecendo bispos, curando enfermos e pregando o Evangelho. Herodes foi informado e jurou vingar-se dos tírios e sidônios, que não haviam detido seu prisioneiro.

Ele mesmo não tardou a deixar Jerusalém para ir a Cesareia da Palestina, onde permaneceu até o sétimo e último ano de seu reinado. Por proposta e em parte às custas de Elioneu, novo sumo sacerdote de sua criação, resolveu dar jogos públicos em Cesareia, pela conservação do imperador.

XXIX

Digamos de passagem que muitos se equivocaram sobre o caráter dos espetáculos públicos entre os pagãos. As corridas do circo, os combates de gladiadores, as hecatombes humanas do anfiteatro eram festas religiosas, ex-votos oferecidos a deuses sedentos de sangue, seja como súplica ou expiação, seja como tributo de reconhecimento. Uma prova entre mil é que se chamavam os deuses a presidi-los. Solenemente descidas dos templos, as estátuas eram deitadas sobre a *spina* do circo, em leitos de marfim e púrpura, e ali ficavam durante todo o tempo dos jogos.

XXX

Para assistir aos de Herodes, toda a Judeia viera a Cesareia. Os preparativos superavam em magnificência tudo o que se vira até então. No segundo dia, Herodes sai cedo do palácio para receber em audiência solene e arengar aos habitantes de Tiro e de Sidônia, que tinham vindo prestar-lhe submissão. Herodes trajava uma toga tecida de prata, de admirável lavor. Ferida pelos primeiros raios do sol, a veste real deslumbrava os espectadores, cujo entusiasmo Herodes excitava com seu discurso.

XXXI

Logo os milhares de aduladores exclamam:

> *É um Deus que fala, e não um homem: Dei voces et non hominis; sê-nos propício! Até agora o respeitamos como homem; doravante o honraremos como um ser sobre-humano.*[4]

Era o tempo em que o homem fazia os deuses. Em vez de repelir essa apoteose sacrílega, Herodes compraz-se nela. No mesmo instante é ferido pela mão de um anjo e sente-se tomado de dores atrozes, causadas por um formigueiro de vermes que lhe saem de todo o corpo e o roem vivo. Só tem tempo de exclamar: *«Eis o vosso deus que morre!»*[5]

XXXII

Assim morreu, aos quarenta e cinco anos de idade, o primeiro rei perseguidor do primeiro Papa. Não é, pois, de hoje que se verifica o dito rejuvenescido nestes últimos anos: *«Comeu do Papa, dele há de rebentar.»* Notou-se, em particular, que dessa doença pedicular, vergonhosa e cruel entre todas, morreram grande número de blasfemadores, iconoclastas, perseguidores da Igreja e, sobretudo, orgulhosos bastante ousados para ambicionar as honras divinas. Tais foram, nos dias antigos, Herodes Agripa e Antíoco Epífanes.

XXXIII

Ao castigo divino juntou-se a vingança dos homens. Mal os habitantes de Cesareia e de Samaria souberam da morte do pretenso deus, entregaram-se a toda sorte de manifestações injuriosas contra ele e seus filhos. Reunidos em mesas servidas nas ruas, vociferavam seus escárnios, trocavam brindes alegres e bebiam à saúde de Caronte, que viera buscar Herodes em sua barca para transportá-lo aos infernos.

XXXIV

Para que se visse claramente a mão de Deus sobre essa triste família, Herodes Agripa havia, em vida, sofrido um tratamento análogo ao que seu tio Herodes Antipas infligira a Nosso Senhor, a quem, durante a Paixão, tratara como rei de teatro.

Ao vir tomar posse de seu reino, quis desembarcar em Alexandria. Flaco, governador do Egito, viu com desgosto ostentar-se o seu fausto real em sua província. Os judeus de Alexandria aproveitaram essa disposição de Flaco para ridicularizar Agripa.

XXXV

Havia em sua cidade um idiota chamado Carrabas, de caráter bastante manso e que era o brinquedo das crianças. Pegaram-no, levaram-no ao ginásio, colocaram-no sobre uma eminência de onde podia ser visto por todos. Na cabeça põem-lhe uma coroa de papel; na mão, um caniço à guisa de cetro; nos ombros, um manto de junco.

Assim transformado em rei de teatro, jovens armados de bastões dispõem-se em torno dele à maneira de guarda pessoal. A multidão se aproxima; uns se põem de joelhos e o saúdam; outros vêm pedir-lhe que lhes faça justiça; aqueles o consultam sobre os negócios públicos.

A cerimônia irrisória termina com aclamações unânimes. Todos os assistentes exclamam: *Marim! Marim!*, palavra siríaca que significa *«senhor e rei»*. Empregando-a, faziam alusão direta a Herodes, nascido na Síria e rei de parte desse país.

XXXVI

Flaco era testemunha dessa cena, cujo fim conhecia. Seu dever era mandar prender Carrabas: era o meio de impedir as injuriosas demonstrações do povo, dirigidas a um rei amigo de César e honrado pelo Senado romano com as insígnias de pretor. Não fez nada.

Assim Herodes Agripa teve de beber até a borra e sem abrandamento o cálice amargo que seu tio preparara ao Filho de Deus. Para que nada falte à aproximação, Carrabas é provavelmente o mesmo nome que Barrabás: o B mudado em C, como se vê com frequência nas línguas antigas e até em várias línguas modernas. Eis, pois, Herodes, o último rei dos judeus, escarnecido pelos judeus na pessoa de Carrabas, como Nosso Senhor, seu verdadeiro rei, o fora na pessoa de Barrabás: pena de talião.

XXXVII

Lendo esta biografia, apresenta-se ao espírito uma aproximação. Como são Pedro, o Papa está na prisão. Os cristãos da Igreja primitiva oravam dia e noite, *sine intermissione*, pela libertação de são Pedro: e a obtiveram. Imitemos nossos pais na fé. Rezemos, rezemos bem, rezemos muito, e seremos ouvidos. O Papa devolvido à liberdade é a ordem social restaurada; de outro modo, esperemos caminhar de revolução em revolução e de precipício em precipício.[6]

Notas

[1] At XII, 1-23.

[2] Acrescentou-lhe mais tarde a de Herodes Antipas, por conseguinte toda a Galileia e os países além do Jordão, com os bens pessoais de Herodíades.

[3] Faz-se aqui uma observação que não é sem importância. Várias vezes os Apóstolos foram postos na prisão, e nunca se vê toda a Igreja orar por sua libertação. A razão dessa conduta está na

primazia reconhecida de são Pedro.

[4] *Deum appellantes dicentesque: propitius nobis esto, et licet hactenus te veluti hominem reveriti sumus, in posterum vero se eum mortali sorte majorem habituros.* («Chamando-o Deus e dizendo: Sê-nos propício; e, embora até agora te tenhamos reverenciado como homem, doravante o teremos por maior que a sorte mortal.») Josefo, *Ant. Jud.*, XIX, 8.

[5] *Ecce Deus ego vester cogor nunc e vita discedere.* («Eis que eu, vosso deus, sou agora forçado a partir da vida.») *Ibid.*

[6] Ver: Cor. a Lap., *in Act.*, xii, 1-13; *Act. Apost.*, v, 19; Adrichom., *Theatr. Terr. Sanctæ Jerusalem*; Josefo, *Antiq. Jud.*, xvi, 6, 7; Philo, *in Flaccum*, p. 751, *Legat. ad Caium*; Josefo, *Ant.*, xix, 4 e 8; Bar., an. 40 et seqq.; Metaphrast., 9 junii; *Annales de phil. chrét.*, sobre as correntes de são Pedro, an. 1876. Seguimos a tradição comum.

Revision #1
Created 27 November 2026 01:05:33 by Admin
Updated 27 November 2026 01:05:34 by Admin